

A CONSTRUÇÃO [(X) AGORA (Y)] NA ESFERA JORNALÍSTICA DO SÉCULO XIX¹

The construction [(x) now (agora) (y)] in the journalistic sphere of the 19th century

Danielle dos Santos Cleres (UERJ)²
Marcos Luiz Wiedemer (UERJ)³
Maria Maura Cezario (UFRJ/CNPq)⁴

Resumo

Embasados no aporte teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso (KEMMER & BARLOW, 1999, BYBEE, 2010, MARTELOTTA, 2011, TRAUOGOTT & TROUSDALE, 2013, ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016 entre outros), investigamos as construções com “agora”, representadas em sua construção mais abstrata como [(X) agora (Y)], em jornais (Correio Braziliense ou Armazém Literário – 1808 - 1822; O Patriota, Jornal Litterario, Político, Mercantil - 1803-1814; A Aurora Fluminense – 1827-1835; O Tempo: o jornal politico e litterario – 1832-1846; Gazeta da Tarde – 1880-1889), que circularam na cidade do Rio de Janeiro. A partir do objetivo principal de analisar os subesquemas de diferentes níveis, os resultados evidenciam que há dois subesquemas superordenados: a construção [circunstanciadora agora TEMPO], que licencia três subesquemas construcionais: [VERBO agora], [agora VERBO], [PREPOSIÇÃO agora], em que o falante tem por objetivo pontualizar o discurso no tempo; e a construção [comparação AGORA enunciativa], que licencia cinco subesquemas construcionais: [agora ADJETIVO], [agora SUBSTANTIVO], [agora], [agora QUE], [agora (X) PERÍODO], em que o falante tem por objetivo localizar o tempo na comparação de ações entre as porções textuais, onde a indicação do tempo é não cronológica, já que apresenta correlação enunciativa. Além disso, ambos os subesquemas apontam para o domínio funcional mais amplo da adverbialidade, relacionados em nível hierárquico por semelhança, o que resulta na configuração como uma construção mais esquemática [(X) agora (Y)].

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso; Abordagem Construcional; Advérbio *agora*. Adverbialidade.

Introdução

Esse estudo está fundamentado na Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), corrente teórica que considera a língua em situações reais de uso e os contextos em que ocorrem. Nessa visão, a estrutura da língua é modificada pelos usuários e corresponde às necessidades discursivas compartilhadas em um contexto social.

¹Este texto reúne parte das reflexões desenvolvidas na dissertação de Cleres (2018).

² Mestre em Linguística pela UFRJ e doutoranda em Estudos da Língua pela UERJ. E-mail: daniellecleres@hotmail.com.

³ É professor do Departamento de Letras, na área de Linguística, e do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Membro (pesquisador) do Grupo de Pesquisa “Discurso & Gramática” (UFF) e do Grupo de Estudos Sociofuncionalistas (GESF-UFMS/UERJ/UNESP). E-mail: mlwiedemer@gmail.com.

⁴ É professora do Departamento de Linguística e Filologia e do Programa de Pós-graduação em Linguística da Faculdade de Letras da UFRJ. Coordena a equipe do Grupo de Pesquisa “Discurso & Gramática” (UFRJ). E-mail: mmcezario@gmail.com.

Muito importante também para nossa investigação é a perspectiva construcional, conforme apresentada em Traugott & Trousdale (2013, doravante T&T), segundo a qual as línguas são formadas por construções interligadas por *links* formais e funcionais. Assim, as construções são pareamentos forma-função integrados numa rede linguística (rede construcional). De acordo com esse modelo, formas diferentes têm papéis semântico-sintáticos distintos.

Embasados no quadro teórico, acima mencionado, apresentamos os resultados da investigação das construções com “agora”, representadas em sua construção mais abstrata como [(X) agora (Y)], em jornais (*Correio Braziliense ou Armazém Literário – 1808 - 1822; O Patriota, Jornal Litterario, Político, Mercantil - 1803-1814; A Aurora Fluminense – 1827-1835; O Tempo: o jornal politico e litterario – 1832-1846; Gazeta da Tarde – 1880-1889*), que circularam na cidade do Rio de Janeiro.

Muitas pesquisas já foram desenvolvidas sobre o uso de adverbiais na língua portuguesa, como Martelotta (1994), Castilho (2009), Moraes Pinto (2008), Machado (2012), Ilogti de Sá (2015), Costa Nunes (2014).⁵ Em síntese, esses estudos contribuíram para o entendimento de que as análises linguísticas devem incluir a investigação morfossintática, semântica, discursiva e contextual. Se antes, através dos aportes da Gramaticalização, as pesquisas privilegiaram o comportamento de um determinado item linguístico, a abordagem construcional, adotada neste trabalho, propõe rever as relações adverbiais para além do item, ao estabelecer como objeto de estudo não somente o item “agora”, mas, sim, construções complexas (com mais de um elemento) e esquemáticas de que esse item participa.

Assim, em nossa análise, através da proposta construcionista, analisamos os usos da construção com *agora* constatados em jornais do século XIX. A investigação em textos escritos coletados de dois gêneros diferentes (entrevista e reportagem) nos permite inquirir as possíveis diferenças de comportamento linguístico das construções.

Cleres (2016), a partir da análise de três jornais do século XIX, seis do século XX e um da presente sincronia, considerando o modelo do funcionalismo clássico, baseado nos pressupostos da gramaticalização (cf. HOPPER & TRAUGOTT, 1993, HEINE, CLAUDI & HUNNEMEYER, 1991), constatou que, a depender do gênero textual jornalístico, o item *agora* tende a apresentar polifuncionalidade nas sincronias pesquisadas. Ao mapear a trajetória do elemento, a autora constatou o *continuum* advérbio >conjunção >marcador discursivo.

⁵ Não pretendemos aqui fazer uma revisão dos estudos sobre as principais contribuições já dadas para a compreensão dessa classe de palavras, o advérbio. Para uma revisão mais detalhada acerca dos adverbiais apontamos, sobretudo, Rios de Oliveira e Cezario (2012) e Cezario et al. (2018).

Observemos os exemplos (1) e (2) abaixo. O primeiro faz parte do gênero “carta” e o segundo do gênero “entrevista”, ambas as amostras foram retiradas de Cleres (2016):

(1) *Tive eu e minha mulher licença para hirmos ao paço dos nossos Reis quando quiséssemos... A minha mulher tocou um bom quinhão porque conta hoje no rol dos seus amigos, as Exmas. Sra. Duqueza *** camareira Mór de *** Dona *** filha do meu amigo Dom *** e muitas outras famílias distintas tanto pela sua honra como pelas suas elevadas posições sociaes. Vim para o Porto e nesta cidade os obséquios e honras longe de diminuirão forão em aumento ali bem como em Lisboa não me faltarão pessoas gradas a oferecerem-me os seus serviços e amizades: casas, para me asilar, dinheiro, etc, etc .. tudo se me ofereceu. Graças ao Supremo Creador; mas eu de nada me quis utilizar por isso que a ninguém pretendo incomodar.*

*Passarei **agora** a falar desta sempre illustre e sempre nobre província do Minho minha clara pátria natal onde vi a luz do dia e recebi a Sacro-Santa — Água Baptismal. Aqui é impossível descrever-lhe em um quadro aproximado a recepção que me fizeram e as honras que recebi de todas as autoridades locaes e das principaes e mais gradas pessoas desta abençoada terra.*

Visitas de famílias e seus chefes, músicas, foguetes, immensissimos presentes das melhores fructas, e de aves e de outros muitos objectos; de tudo fui obsequiado; não tenho um momento de descanso e apenas em alta noite e por algumas horas me deixam em paz! Eu confesso ao meu amigo que estou admirado de mim mesmo porque conheço merecimento para tanto; mas que se Deus protege o Japonique? Vou concluir esta massada para mais não ser por esta fastidioso ao meu bom amigo”.

(A Carapuça: Jornal satyrico para recreio das famílias. – 1857)

Em (01), percebe-se que o item *agora* integra porções amplas do texto e desempenha funções discursivas, de modo a contribuir para o desenvolvimento do assunto. Constata-se que, após a inclusão do item, o assunto é alterado e o tópico eleito é o relato da província que o casal escolhera para residência. Cleres (2016) observa que a função de marcador discursivo é possível pela menção a fatos ocorridos e organizados em sequência. Segundo Cleres (2016, p. 39):

o elemento **agora**, juntamente com a forma verbal **passarei**, apesar de ainda apresentar traços prototípicos — [+ escopo verbal], [+ circunstanciação] e [+ mobilidade] — não possui a referência temporal vinculada ao presente e apresenta o traço [+ referência temporal futura], devido à flexão verbal e também exerce a função de Organizador Textual com introdução de

novo tópico, visto que há o anúncio de que a topicalização será somente sobre a estada na cidade do Porto.

(2) “(...) Mas a coisa deveria surgir dos interessados, que são os trabalhadores, representando um poder de pressão. *Agora* inventaram uma palavra chamada ‘diálogo’. Não sei porque meus colegas de imprensa usam esta palavra. Não há diálogo quando alguém lá de cima diz: ‘olha, tu propões isso e eu vou ver se te dou.’

(O Globo - 1978)

Já em (02), “o elemento associado ao verbo conjugado no pretérito perfeito ‘*inventaram*’ permite o sentido de ‘*nos últimos tempos*’ para o espectro temporal, e isso demonstra a amplitude do caráter fórico do elemento quanto ao seu alcance temporal” (CLERES, 2016, p. 48).

Considerando os resultados de Cleres (2016), a autora, em 2018, lança a hipótese de que os diferentes padrões construcionais com *agora* são subesquemas de uma construção mais abstrata, a construção [(X) *agora* (Y)]. A hipótese da autora é a de que os diferentes subesquemas instanciados por esta construção tendem a ter papéis funcionais diferentes nos textos. Assim, a partir dos resultados de Cleres (2018), aqui, neste artigo, destacamos os resultados referentes à análise dos diferentes subesquemas.

1 Pressupostos teórico-metodológicos

Nos estudos linguísticos atuais, há várias versões denominadas Gramática de Construções. Como já adiantamos, centramo-nos na abordagem da Gramática de Construções como entendida por Goldberg (1995. 2006) e Croft (2001), e reinterpretada por T & T (2013). Neste modelo de T&T (2013), busca-se reinterpretar os fenômenos de gramaticalização, lexicalização e degramaticalização por meio de um único modelo, além de propor uma investigação de níveis mais abstratos da organização linguística, no plano cognitivo (esquemas, subesquemas e microconstruções).

Nessa visão, a unidade básica da língua é a construção. Neste sentido:

As construções são convencionais na medida em que são compartilhadas entre um grupo de falantes. São simbólicas por serem *signos*, geralmente associações arbitrárias de forma e significado. E são unidades em que algum aspecto do signo é tão idiossincrático (GOLDBERG, 1995) ou tão frequente (GOLDBERG, 2006) que o signo é amalgamado como um pareamento forma-sentido na mente do usuário da língua” (T & T, 2013, p. 1)⁶

⁶ Conforme o original: “Constructions are conventional in that they are shared among a group of speakers. They are symbolic in that they are signs, typically arbitrary associations of form and meaning. And they are units in that

A definição de T & T (2013) compreende que a gramática não apresenta modularidade estrutural: todos os níveis — morfossintaxe, semântica, fonologia, pragmática e funções discursivas. Conforme Bergs e Diewald (2009), a abordagem construcional da gramática enfatiza que a língua consiste em um inventário estruturado de unidades linguísticas convencionais (de pares de forma e sentido). Esta estrutura – a organização das unidades pode ser tratada com base na estrutura simbólica proposta por Croft (2001) e Croft e Cruse (2004).

Dessa forma, no âmbito da LFCU voltada para a Gramática de Construções e centrada na experiência, é reconhecido que a gramática de uma língua é organizada a partir de determinados princípios (GOLDBERG, 1995). Entre os princípios apontados pela autora, destaca-se o princípio de não-sinonímia, sendo:

se duas construções são sintaticamente distintas, devem, portanto, ser semântica ou pragmaticamente distintas: Corolário A – se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, então elas têm de ser pragmaticamente distintas. Corolário B – se duas construções são sintaticamente distintas e pragmaticamente sinônimas, então elas têm de ser semanticamente distintas.

A abordagem defendida por Goldberg (1995) constitui-se como o pilar da hipótese principal deste trabalho, isto é, há diferenças de uso nos padrões formais apresentados. Vejamos em (3) e (4):

(3) *Custa á crer, que o Sr. Bitancourt viesse do Pará praticar ainda aqui arbitrariedades no Corpo, que infelizmente Commanda; e que o Sr. Torres, M. da Marinha, consinta athe, que elle opprima os miseraveis recrutas á Bordo da Nao, á ponto de os fazer prestar juramento de Bandeiras á força, mettendo-os para este fim, no mais immundo, e escuro lugar do Porão, quando o não o querem por bem! Athe que não podendo supportarem, por mais tempo, os crueis tratamentos, estes infelizes que estão promptos para jurar, não só huma, como quatro Bandeiras, como hum o dice!*

Agora perguntarei, Sr. Redactor, se são válidos semelhantes juramentos? Parece-me que não; porque o juramento deve ser he nullo, sendo forçado. Perguntarei tambem, qual a Ley, em que se fundou o Sr. Bitancourt, para fazer assentar Praça ao Sr. Pedro Nolasco Pereira da Cunha, que já fora Guarda Marinha da Armada Nacional, e que tivera sua demissão do Serviço, em 2 de Janeiro de 1831, por a pedir?

A Cégarréga – 1833

(4) *Corre agóra hum rumôr de que Governo de Portugal, conhecendo sua fraqueza, procura valer-se de forças estrangeiras para sujeitar o Brasil; mencionamos isto, para mostrar o erro de tal medida, e pedir encarecidamente, que desistão della. Assevera-se, que o Governo Portuguez pedira socorros militares á França, e lhe offerecêra em compensação cessão de territórios na Goiana Portugueza junto ao Pará. Alem da atrocidade,*

some aspect of the sign is so idiosyncratic (Goldberg 1995) or so frequent (Goldberg, 2006) that the sign is entrenched as a form-meaning pairing in the mind of the language user”.

que essa medida envolve, de desmembrar o Brasil, o que irritará por extremo todos os Brasileenses, não he possível que a Inglaterra veja tal cessão com indiferença; e o Gabinete Inglez não pode já olhar para suas conexões políticas com Portugal, no mesmo ponto de vista, que outr'ora olhava.

Correio do Rio de Janeiro – 1822

A construção [*agora* VERBO], em (3), é utilizada como marcador discursivo, visto que, para chamar a atenção do leitor a um fato considerado relevante pelo escritor/jornalista, foi empregada de modo a conduzir a concordância para o evento intencionado. Notemos que a flexão verbal no futuro simples permite a abrangência temporal da construção, estabelecendo um espectro temporal de futuro imediato e integrando-a ao texto. Apresenta, assim, funções textuais. Em (4), a construção [VERBO *agora*] ,notadamente, desempenha uma função adverbial, visto que há o emprego típico desta classe: modifica o verbo e enfatiza a temporalidade situacional.

Goldberg (2006) afirma que as construções incluem todos os níveis da gramática. Nesse sentido, a autora entende que também são construções os exemplares estocados na mente. Com isso, a construção integra uma forma — pertencente a qualquer nível gramatical — unida a um sentido ou uma função que pode desempenhar papéis semânticos ou pragmáticos.

Wiedemer & Machado Vieira (2018a, s/p) indicam que:

Goldberg cogita tanto da potencialidade de sinonímia ou semântica (corolário A) ou pragmática (corolário B) quanto da impossibilidade de identidade entre as propriedades de dois ou mais padrões construcionais. Em razão dos vários fatores envolvidos nos polos forma e função de uma construção, está descartada a possibilidade de sinonímia entre as propriedades de todos os atributos que caracterizam um pareamento X e os que caracterizam um pareamento Y, nas hipóteses ou de se instaurar uma relação de similaridade configuracional entre X e Y ou de o falante tecer, mediante processo cognitivo analógico, uma ligação simbólica entre eles (e isso se convencionalizar).

Ainda sobre o assunto, os autores (WIEDEMER & MACHADO VIEIRA, 2018a) aludem que as construções/unidades lexicais formalmente diferentes podem envolver diferença relativa a um atributo ou mais de ordem funcional e não necessariamente a todos os atributos da face funcional, fato que enseja, no que diz respeito aos demais atributos, espaço para o mapeamento de comparabilidade funcional, de percepção de similaridade e/ou de associação de construções/unidades lexicais independentes (conforme MACHADO VIEIRA & WIEDEMER, a sair). Em decorrência desse processo, duas ou mais construções ((sub)esquemas procedurais ou lexicais) podem ser associadas por força de analogia e, então, podem ser socialmente rotinizadas e cognitivamente estocadas como alternativas construcionais (aloconstruções); e duas ou mais unidades lexicais/construções lexicais têm o potencial de

desenvolver o perfil de alternativas no processo de compatibilização a *slot* de uma construção por força de atração (colexemas) ou coerção (lexemas). Nesta perspectiva, as “alternâncias” são consideradas como epifenômeno, correspondente a diversas unidades lexicais diferentes, que são evocadas a partir de determinada construção/enunciado (conforme WIEDEMER & MACHADO VIERIA, 2018b).

No entendimento de Bybee (2010), construções são pareamentos de forma e significado, sendo que este inclui a pragmática. Em sua interpretação, T&T consideram esquemas como construções totalmente esquemáticas e, para aquilo que é parcialmente esquemático, usam o termo subesquemas, que apresentam partes especificadas, bem como *slots* (preenchimentos). Infere-se daí que a definição de construção deve ser apreendida em diferentes níveis de complexidade e abstração. Nos termos de Goldberg (2003), as construções não são totalmente arbitrárias. Em outras palavras, as relações entre forma e significado são normalmente motivadas e, por isso, frequentemente, há padrões recorrentes na língua. A autora avalia ser a criatividade o critério competente para formar construções com *slots* abertos e, assim, reproduzir combinações nas construções.

No presente trabalho, os constructos são os enunciados com *agora*. A microconstrução é cada forma analisada, por exemplo, *por agora* e *até agora* são duas microconstruções. O subesquema que instancia essas duas microconstruções é [X *agora*] e o subesquema superordenado ou construção geral é [(X) *agora* (Y)].

Em termos metodológicos, o nosso estudo está concentrado em analisar os textos escritos oriundos da esfera jornalística e pertencentes aos gêneros “*notícia*” e “*reportagem*”, os quais apresentaram sequências tipológicas de caráter expositivo-argumentativo. Concebemos este tipo de tipologia como aquela em que há a apresentação de argumentos baseados na lógica, cuja estrutura deve ser constituída pela tese ou ideia central, na qual deve constar o encadeamento de porções textuais com a intenção de defender determinado ponto de vista ou assunto (GARCIA, 2010).

É importante ressaltar que, durante o período selecionado para a pesquisa, os gêneros jornalísticos não possuíam características limítrofes tais quais as apresentadas nos jornais atuais; de maneira gradativa, os meios de comunicação sofreram adaptações a fim de acompanhar os avanços tecnológicos. Por causa disso, o *lead*⁷, diferentemente dos dias atuais, não é plenamente encontrado no primeiro parágrafo do texto. Então, podemos conceituar a

⁷ Lead: estrutura discursiva que visa responder às seguintes perguntas: o quê?, quando?, como? Por quê? Quem? e onde?

notícia como uma estrutura textual em que se dá mais atenção ao relato de algum acontecimento, de modo que a informação esteja atualizada. Por causa disso, este gênero é mais encontrado em jornais diários do que em revistas semanais e mensais. Lage (1998) afirma que “a notícia só é notícia se trazer informação”. Nesse sentido, o autor concebe este gênero como um repositório de informações e, neste caso, as estratégias argumentativas não seriam incluídas. Nos textos pesquisados para esta pesquisa, percebemos que o *lead* é diluído entre os parágrafos.

Já a *reportagem* é caracterizada pela atenção especial dispensada ao fato e isso pode demandar um espaço maior no veículo. Nos termos de Marques de Melo (1985, p. 65), a *reportagem* amplia o relato de um acontecimento francamente retratado nos meios de comunicação. Neste sentido, a *reportagem* possui como característica a contextualização de assuntos, posto que cabe ao jornalista apresentar assuntos pertinentes ao espaço e tempo dos eventos, além de explicá-los. Em termos aristotélicos, a *reportagem*, como gênero, estabelece um raciocínio dedutivo, além de apresentar os desdobramentos do assunto.

Em suma, como visto até aqui, a investigação sobre esses gêneros encontrados nos textos jornalísticos busca identificar as motivações discursivas no emprego das construções com *agora*. Conforme resume Lage (1987), a *reportagem* é um gênero com características próximas as do *artigo de opinião*, isto é, em ambos os gêneros encontramos traços subjetivos do autor. Em igual entendimento, Marcuschi (2002) considera a *reportagem* um gênero híbrido com nuances interpretativas. Para Dolz & Schneuwly (2004), o gênero *notícia* pertence à ordem do relatar, modalidade que tem a intenção de informar, de forma detalhada, os fatos ocorridos.

Escolhemos o século XIX por ser o período em que a imprensa fora inaugurada no país. O período concentra transformações significativas na realidade brasileira, sobretudo a fluminense. Este foi o momento do Romantismo, Belle Èpoque e das intervenções urbanas promovidas por Pereira Passos, cuja administração seguiu o molde da arquitetura francesa. Em suma, a organização do Brasil, de colônia a República, protagonizou as muitas páginas dos periódicos da então capital brasileira.

Para a análise, lançamos mão de uma análise quali-quantitativa, comum aos estudos de base funcionalista, em que, de um lado, verificamos as frequências de usos (*tokens*) do fenômeno linguístico investigado, e suas ocorrências em determinado contexto comunicativo; e, de outro lado, procuramos evidenciar as tendências de usos. Assim, coletamos todos os enunciados com o elemento *agora*, que são dispostos, na tabela (01), em que encontramos os seguintes números de dados para cada jornal analisado:

Jornais	O Patriota	Gazeta da Tarde	Aurora Fluminense	O Tempo	Correio Braziliense	Total
Nº de ocorrências de dados	38	18	42	56	122	276

Tabela 01: Frequência do elemento agora por jornais (CLERES, 2018, p. 53)

Ressaltamos que o número maior de dados no livro Correio Braziliense se deu porque esse foi o jornal (dentre os analisados) que teve maior tempo de circulação e, portanto, a frequência é maior. Além disso, neste jornal, há predomínio do gênero *reportagem*, cujos textos costumam ser maiores do que as notícias.

Analisamos cada contexto para depois estabelecermos os subesquemas e suas funções⁸. Verificamos que os subesquemas são instanciações da construção mais geral do subesquema superordenado [(X) agora (Y)]. Constatamos, no século XIX, oito subesquemas desse subesquema mais geral. São eles: [VERBO agora], [agora PREPOSIÇÃO], [agora (X) VERBO], [agora PERÍODO(S)], [agora QUE], [agora SUBSTANTIVO], [agora ADJETIVO] e [agora (X) ORAÇÃO].

2 Resultados e discussão

Conforme já ressaltamos, temos como objetivo principal descrever as formas e as funções dos subesquemas, com o item *agora* em diferentes jornais do século XIX.

A partir da análise da produtividade dos usos da construção *agora*, foram encontradas 276 ocorrências dessa construção. Nos dados, evidenciam-se oito subesquemas, que passamos a destacar, na sequência. Após, apresentamos o resumo desses subesquemas na tabela (02).

Subesquema [VERBO agora]

(5) (...) *E com effeito, qual outro seria o meu propósito? Lembrar-se há alguém do desejo do lucro? Não seria facil mostrar que este jámais podia ser o meu alvo? (...) Por muito sensível que eu seja a este sentimento tão natural, eu seria loucamente presumido, se ousasse confiar de meu tenue saber tão vantajoso resultado. O fim por que me tem guiado tanto, he clara e unicamente o querer satisfazer aos veros que tomei por epigraphe. Não entrarei agora na sincera condução de meus defeitos: vale mais emenda-los que publica-los. O tempo he sempre o melhor Mestre, e os proprios erros são uteis a quem delles sabe aproveitar para evita-los."*

⁸ Destacamos, neste trabalho, apenas os resultados relativos às funções semântico-discursivas. Em Cleres (2018), ao leitor interessado, há análise dos seguintes fatores de análise: (i) jornais; (ii) categoria gramatical; (iii) papel semântico-discursivo; (iv) escopo da construção; e (v) gênero textual.

(Jornal O Patriota, seção “Política” – 1813)

Nesse subesquema, percebe-se maior produtividade no emprego adverbial, conforme tabela (02), ao final, uma vez que o uso prototípico dos advérbios, tal como um modificador, mantém-se aqui. Em (05), o verbo “entrar” possui o sentido de movimento, logo denota uma ação modificada pelo elemento *agora*, o qual pontualiza a ação verbal.

Subesquema [agora VERBO]

(6) "(...) *Era hum problema, se no Brazil podia haver hum Jornal. Pessoas se acreditado saber, mas de hum genio melancolico, avultando as dificuldades, que carregarião sobre o Redactor, accusavão altamente a sua temeridade, a que dava mais pezo a authority de quem as pronunciava. Costumado porém a ceder sómente á rezão e á experiencia, eu julguei que o verdadeiro modo de resolver o problema, era pôr-me em prova, e confiar da minha queda o meu desengano. Eu annunciei a empreza, e e ntre pragas e agouros de huma parte, e elogios e estímulos de outra, caminhei constante ao meu fito. Tenho consummado a carreira, e he facil **agora estabelecer** hum argumento vitorioso.(..)*"

(Jornal O Patriota, seção “Política” – 1813)

Em (6), a função de adverbial circunstancial também se mantém. Porém, a relação é feita com o verbo “*estabelecer*”, que não é de movimento, diferentemente de (05). Apesar de indicar um tempo, em (06), ele não é pontuado. Sobre isso, é importante destacar que a ordenação dos adverbiais temporais (locuções ou advérbios simples) tem sido amplamente estudada em diferentes sincronias e gêneros textuais, que destacam a produtividade da ordem na fixação de diferentes subesquemas construcionais (cf. CEZARIO; ILOGTI DE SÁ; COSTA NUNES, 2005, CEZARIO; MACHADO; SOARES, 2009, ALBANI; CEZARIO, 2012, SOARES, 2012 entre outros estudos).

Subesquema [PREPOSIÇÃO *agora*]

(7) "(...) *E qual tem sido a acção dos passado ministerios sobre semelhantes potentados eleitoraes? Temos vistos ministerios, que teem sido a expressão de violentos partidos, transigirem inteiramente com taes potentados eleitoraes, e para elles porem todos os favores, todas as atencções, e até mesmo o cerramento dos olhos sobre crimes, que por similhante maneira ficção dentro das muralhas dos partidos! O que **até agora** temos visto, é nada recusar-se, absolutamente nada, a esses potentados, que por seu turno torturão a esses cidadãos fracos ou pobres para lhes alcançar quasi sempre o avesso do seu sentir. E tudo isto não é macular a mais Santa das funções populares?...*"

(Jornal O Tempo, seção “Interior” – 1832)

Ao observarmos o enunciado (07), é possível depreender a construção formada por [PREPOSIÇÃO *agora*], que estabelece uma locução prepositiva (adverbial) circunstancial. Neste caso, a temporalidade do elemento *agora* é reforçada pela ideia de “limite” temporal, e permite uma leitura atélica do enunciado, que é reforçado pelo verbo “ter”, ou seja, uma ação ainda a ser finalizada. Dessa forma, comparando-se os dois subesquemas até aqui analisados, [VERBO *agora*] e [*agora* VERBO], somados ao subesquema [PREPOSIÇÃO *agora*], é perceptível certa relação hierárquica entre os três subesquemas, ou seja, a relação de “modificação”, característica das construções adverbiais, ou seja, de circunstância.

Representamos, abaixo, esses três subesquemas a partir de uma rede construcional, que denominamos, neste primeiro momento, de “construção circunstancial”.

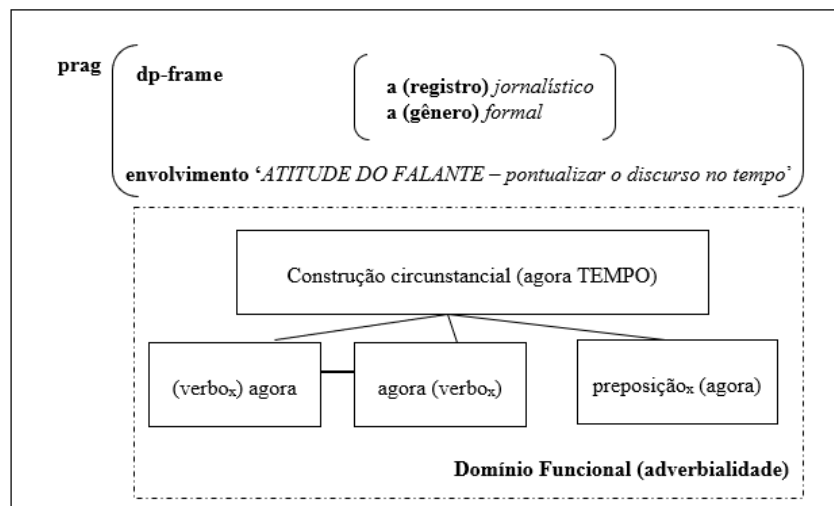


Figura 1: Subesquemas construcionais (construção circunstancial adverbial)

(CLERES, 2018, p. 58)

A representação acima foi elaborada a partir das ideias de Machado Vieira e Wiedemer (a sair), em que temos a representação da construção [circunstanciadora *agora* TEMPO], que licencia três subesquemas construcionais: [VERBO *agora*] (5), [*agora* VERBO] (6), [PREPOSIÇÃO *agora*] (7). Tais subesquemas (representados no quadrado pontilhado), possuem uma parte específica e outra que contém *slots* a serem preenchidos por unidades linguísticas. Por sua vez, os subesquemas podem ser relacionados em nível hierárquico por semelhança, o que resulta na configuração como uma construção mais esquemática [circunstanciadora *agora* TEMPO]. Dessa forma, subesquemas diferentes permitem a leitura de circunstância de tempo.

Além da representação da construção, que está indicada pelo quadrado pontilhado, a representação apresentada, na figura (1), captura as nuances pragmáticas, ou seja, a enunciação, que está indicada pelo (dp) – *padrão discursivo*, ou seja, temos um determinado padrão discursivo/paradigma que licencia determinadas construções. Além disso, este *dp*, por sua vez, pode possuir especificações/condicionantes, que são denominadas de *atributos* (a); no esquema, neste caso, os atributos são *jornalístico* e *formal*. Por fim, tem-se a indicação do envolvimento, atitude do falante, em que tem por objetivo pontualizar o discurso no tempo. Por fim, a representação aponta para o domínio funcional da adverbialidade.

Com base em Garcia (2010), adotamos a nomenclatura *circunstância* (do latim *circum*, o que está em torno ou em redor) como “a condição particular que acompanha um fato, o acidente que o atenua ou agrava”. Para a retórica, este termo é compreendido como a própria ação (o quê?), a pessoa (quem?), o lugar (onde?), o tempo (quando?), a causa (por quê?), o modo (como?), e os meios (com quê?). Dentro da esfera sintática, outras circunstâncias são incluídas, como as relações de oposição, condição, finalidade, consequência, dentre outras.

Dando sequência à apresentação dos subesquemas, abaixo, têm-se os exemplos formados por [*agora* ADJETIVO], em (08) e por [*agora* SUBSTANTIVO], em (09), conforme se observa.

Subesquema [*agora* ADJETIVO]

(08) "*O projecto de ley para suspender a liberdade da imprensa foi approved na Camara dos Pares, por uma maioria de 136 votos, contra 74; porém com algumas alterações. Os jornaes, **agóra existentes**, são izentos de sua operação, e a duração desta medida se limita até o fim da sessão seguinte*".

(*Jornal Correio Braziliense, seção Miscellanea – 1808*)

Subesquema [*agora* SUBSTANTIVO]

(09) "*Havendo dicto no nosso N°. Passado, que a successão da corôa de França, depois do irmão e sobrinho do actual Rey, passa a Fernando VII, **agora Rey de Hespanha**; julgamos proprio dar aqui o seguinte extracto de uma gazeta Franceza (...) sobre o mesmo assumpto*".

(*Jornal Correio Braziliense, seção Miscellanea – 1808*)

Considerando os dois usos acima (08) e (09), primeiramente, fica evidente que as construções exemplificadas não são modificadoras de verbos, função típica de uma construção adverbial, conforme se pode observar nos subesquemas anteriores (05) a (07), e passa a atuar

somente como marcador temporal, indicando a pontualidade apenas, seja ela de simultaneidade, anterioridade, posterioridade ou futuro imediato.

Porém, apesar de um indicar determinada temporalidade, em comparação aos exemplos anteriores (05) a (07), aqui a temporalidade é feita a partir do enunciado, conforme podemos observar em (08). O enunciado é iniciado por “*O projecto de ley para suspender a liberdade da imprensa foi aprovado na Camara dos Pares, por uma maioria de 136 votos, contra 74; porém com algumas alterações.*”, em que temos a apresentação do fato, a aprovação do projeto de lei de suspensão à liberdade, em que temos uma ação concluída em determinado momento do discurso, e na sequência, observa-se sua consequência, em “*Os jornaes, **agóra existentes**, são izentos de sua operação, e a duração desta medida se limita até o fim da sessão seguinte.*”, que é indicado pelo elemento *agora* na segunda parte do enunciado.

Neves (2011) discorre sobre os advérbios temporais que não possuem relação cronológica, isto é, em que a ampliação temporal não é cronológica. Dentre eles, o *agora* apresenta essas possibilidades ao fazer referências temporais do passado e futuro. Essa mesma construção pode ser observada em (09), em que temos o enunciado “*Havendo dicto no nosso N.º. Passado, que a successão da corôa de França, depois do irmão e sobrinho do actual Rey,*”, que apresenta um contexto histórico em determinado tempo passado, que é comparado com o tempo atual, “*passa a Fernando VII, **agora Rey de Hespanha**; julgamos proprio dar aqui o seguinte extracto de uma gazeta Franceza (...) sobre o mesmo assumpto.*”.

Em (09), fica mais clara a relação de comparação temporal no passado (ação concluída) e a consequência da ação, que é marcada pelo elemento “*agora*”, sendo reforçada pelo verbo “passar”. De acordo com os resultados de Jordão (2017), o verbo *passar* pode apresentar características aspectuais, como quando indica um movimento metafórico ou quando é empregado em função de auxiliar.

Comparando os cinco subesquemas até aqui apresentados, temos três subesquemas decorrentes dos exemplos (05), (06) e (07), como construções circunstanciais que embora pontualizem o tempo, modificam um elemento, ou seja, atuam como advérbios. Já nos exemplos em (08) e (09), temos a noção temporal, porém, conforme observamos nos exemplos, a comparação temporal é feita a partir do elemento *agora*, em que temos a comparação de tempos não necessariamente cronológicos, mas localizados em algum momento do discurso. Sobre isso, vale retomar as palavras de T & T (2013), que apontam que os múltiplos significados disponíveis em uma rede irradiam de um protótipo ou “significado central como extensões”. Além disso, a organização de unidades linguísticas convencionais dentro de redes e conjuntos

está intimamente relacionada ao uso da língua, tanto a moldando, quanto sendo moldada por ela (LANGACKER, 2008).

Podemos representar a questão da comparação temporal, que vamos denominar de “comparação temporal enunciativa”, em que temos de um lado o objeto de discurso localizado no tempo, o elemento *agora* como marcador do tempo em comparação ao anterior, e a segunda parte do enunciado, conforme representado no quadro seguinte,

Ação localizada em um determinado tempo	Localização do tempo e comparação entre as ações	Consequência da ação
" O projecto de ley para suspender a liberdade da imprensa foi approved na Camara dos Pares, por uma maioria de 136 votos, contra 74; porém com algumas alterações.	Os jornaes, agóra existentes	<i>saõ izentos de sua operaçãõ, e a duraçãõ desta medida se limita até o fim da sessãõ seguinte. "</i>
" <i>Havendo dicto no nosso N.º. Passado, que a successãõ da corõa de França, depois do irmão e sobrinho do actual Rey, passa a Fernando VII,</i>	agora <i>Rey de Hespanha;</i>	<i>judgamos proprio dar aqui o seguinte extracto de uma gazeta Franceza (...) sobre o mesmo assumpto. "</i>

Quadro 01: Comparação temporal enunciativa

(CLERES, 2018, p. 62)

Conforme percebemos até aqui, os usos da construção com *agora* são produtivos e apresentam uma vasta gradiência semântica. Aqui é importante destacar a questão da gradiência semântica entre os subesquemas, isto é, há uma diferença entre os subesquemas, no que diz respeito a algumas das propriedades do significado – semântica, pragmática e discurso -, e que dificultam enquadrá-los unicamente em uma ou outra construção. Tendo em vista essa gradiência, as categorias e unidades de linguagem são variáveis, em vez de categorias fortemente delimitadas (BYBEE, 2003).

A noção de comparação temporal que apontamos nos exemplos (08) e (09), em que denominamos de “comparação temporal enunciativa”, pode ser observada também no subesquema [agora PERÍODO], em (10), porém em porções textuais maiores e sem a necessidade de ocorrer relacionada a um substantivo ou adjetivo, como nos exemplos anteriores. Diferentemente, aqui, em (10), a construção [*agora*], além de exercer a ideia de comparação entre as porções textuais, ajuda na transição textual dos enunciados, criando uma relação de coerência entre as duas partes.

Subesquema [*agora* PERÍODO (S)]

(10) *Exército e Policia - "O soldado Manoel Raymundo Rosa, da 7ª Companhia do 1º Batalhão de fuzileiros, e o qual, como os leitores sabem, travou luta no dia 7 do corrente mês, com um punhado de urbanos, continúa em estado grave. Pouco se dá por sua vida. Está em tratamento no Hospital Militar. Agora, pedimos licença para*

perguntar? Sabemos que o commandante do 1º de fuzileiros, narrou por escripto ao Ministro da Guerra o acontecido, e remetteu-lhe o respectivo corpo de delicto."

(Jornal Gazeta da Tarde – seção “Noticiário” – 1880)

Aqui, a construção [*agora* PERÍODO(S)] não é modificadora de uma oração, mas se refere a uma porção maior do enunciado. Há uma espécie de apontamento catafórico para marcar o que vem a seguir no discurso. Podemos observar isso no quadro seguinte, a representação de (10), em que observamos, na primeira ação, a ocorrência de um relato seguido do elemento *agora* e de um questionamento posterior.

Ação localizada em um determinado tempo	Localização do tempo e comparação entre as ações	Consequência da ação
Exército e Polícia - "O soldado Manoel Raymundo Rosa, da 7ª Companhia do 1º Batalhão de fuzileiros, e o qual, como os leitores sabem, travou luta no dia 7 do corrente mês, com um punhado de urbanos, continúa em estado grave. Pouco se dá por sua vida. Está em tratamento no Hospital Militar.	<i>Agora</i>	, pedimos licença para perguntar? Sabemos que o commandante do 1º de fuzileiros, narrou por escripto ao Ministro da Guerra o acontecido, e remetteu-lhe o respectivo corpo de delicto."

Quadro 02: Comparação das estruturas temporais

(CLERES, 2018, p. 64)

A relação opositiva entre as cláusulas, constituída a partir da construção [*agora* PERÍODO(S)], fica evidenciada pela relação de contraste que é assinalada com as assertivas de que mesmo não sendo um governo democrático, o povo deve-lhe obediência. Na amostra, o escritor direciona o foco do texto para além do evento narrado; há uma intencionalidade em se apurar os fatos e trazer justiça ao soldado agredido.

A noção de articulação textual/transição textual, conforme vimos nos subesquemas, acima, nas ocorrências (09) e (10), também pode ser percebida nos demais subesquemas, exemplos (11) e (12), cada qual com características morfossintáticas específicas. Em (11), no subesquema [*agora* (X) ORAÇÃO], a porção textual inicial é feita a partir do referente “franceses”, em “*Os Franceses não destruíram o Governo papal, para darem aos Romanos um Governo livre e independente, antes fizeram de Roma, uma colônia da França:*”, seguida da construção do tópico discursivo “*logo a ingerência daquelles estrangeiros, foi directamente prejudicial aos Romanos. Poderiam os Franceses, durante a sua dominação, manter melhor policia, supprimir os salteadores, abrir estradas, fazer aqueductos, &c. &c. mas ninguém dirá que taes beneficos fossem equivalente compensação á perca da independencia nacional: reduzindo um povo livre a todos os inconvenientes de ser colonia.*” Na sequência, o elemento “*agora*” é utilizado para marcar a transição textual localizada no tempo. Isso é reforçado pelo

pronome dêitico “eles”, conforme “*elles não derogam a nossa regra, merecem serem justificados*”, que constrói uma referência com a porção textual anterior.

Subesquema [agora (X) ORAÇÃO]

(11) *"Os Francezes não destruíram o Governo papal, para darem aos Romanos um Governo livre e independente, antes fizeram de Roma, uma colônia da França: logo a ingerência daquelles estrangeiros, foi directamente prejudicial aos Romanos. Poderiam os Francezes, durante a sua dominação, manter melhor policia, supprimir os salteadores, abrir estradas, fazer aqueductos, &c. &c. mas ninguém dirá que taes beneficos fossem equivalente compensação á perca da independencia nacional: reduzindo um povo livre a todos os inconvenientes de ser colonia. **Agóra**, quanto aos descuidos, ou culpas do Governo Papal, **elles não derogam a nossa regra, merecem serem justificados**: mas nisto voltamos outra vez á nossa proposição, que os povos devem cuidar de remediar por si mesmos os males de sua nação; isto mesmo he admitirmos, que póde haver, e de facto há males provenientes dos Governos ainda os mais legítimos, mas o que dizemos he, que, se, em taes circumstancias os povos esperarem taes remedios de alguma potencia estrangeira, esta trará mais males do que se esperam de bems. E aonde está a negativa desta proposição ao exemplo de Roma: e da Hollanda, que o Escriptor accrescenta?*

(Jornal Correio Braziliense, seção Miscellanea – 1808)

Já em (12), o elemento “agora” apresenta-se em um esquema bastante produtivo da língua portuguesa, a construção com “que”, que passa a desempenhar a função de subordinar uma oração a outra, além da noção de transição textual entre as partes dos textos.

Subesquema [agora QUE]

(12) *"Noventa contos de reis de mais ou de menos não são objecto para desprezar: não he o Brasil tão rico! **Agora que** se entra em lide judicial sobre a arbitraria comissão dos 48 pezos, que o Sr. José Silvestre Rebello julgou dever tirar pelo trabalho de dirigir a construção das Fragatas - Izabel, e Principe Imperial - fabricadas nos Estados Unidos, durante a sua missão diplomática naquelle paiz, convém apresentar ao publico alguma cousa que o esclareça sobre este importante negocio.(..)"*

(Jornal Aurora Fluminense – seção “Rio de Janeiro” – 1850)

Comparando os exemplos de (04) a (12), podemos resumi-los no seguinte quadro. Conforme já ressaltamos, esses subesquemas possuem como características comuns a comparação entre ações de porções textuais e o uso do elemento *agora* como localizador do tempo. Denominamo-la “construção de comparação temporal enunciativa”.

Ação localizada em um Determinado tempo	Localização do tempo e comparação entre as ações	Consequência da ação
Porção textual	[agora SUBSTANTIVO] [agora ADJETIVO] [agora PERÍODO (S)] [agora ORAÇÃO] [agora QUE]	Porção textual

Quadro 03: Comparação temporal das porções textuais

(CLERES, 2018, p. 65).

O que se percebe a partir da estrutura acima é que ela se aproxima, em certa medida, da rede construcional apresentada na Figura (1), pois, além de realizar a transição textual entre as partes, a construção assume características de conjunção ou operador textual. No entanto, ela mantém seu significado adverbial ao indicar a temporalidade, só que atua como uma construção sequenciadora, não mais circunstanciadora. Aqui, não podemos confirmar a mudança, pois se trata de um estudo sincrônico, porém os diferentes subesquemas apontam para um caminho de mudança, hipótese a ser confirmada por outras pesquisas futuras.

A tabela (2) apresenta o quantitativo geral dos padrões construcionais e a distribuição dos dados totais e a porcentagem. Vejamos:

CONSTRUÇÃO	Nº	%
[VERBO <i>agora</i>]	120	43,4
[<i>agora</i> VERBO]	91	32,9
[PREPOSIÇÃO <i>agora</i>]	38	13,7
[<i>agora</i> (X) ORAÇÃO]	10	3,6
[<i>agora</i> QUE]	8	2,8
[<i>agora</i> ADJETIVO]	5	1,8
[<i>agora</i> SUBSTANTIVO]	2	0,7
[<i>agora</i> PERÍODO(S)]	2	0,7
TOTAL	276	100

Tabela 2: Microconstruções com *agora*

(CLERES, 2018, p. 65).

Podemos observar que o maior número de ocorrências está na construção do tipo [VERBO *agora*] e corresponde ao total de 43% das amostras encontradas. Em seguida, a construção [*agora* (X) VERBO] ocupa, em número de ocorrências, a segunda posição de construções mais empregadas e representa (32,9%) do total encontrado. A construção [PREPOSIÇÃO *agora*] tem expressivo número nos textos pesquisados (13,7% do total), ao passo que as demais construções

são realizadas em menor quantidade e contribuem com (3,6%), (2,8%), (1,8) e (0,7%), respectivamente.

Vale ressaltar que classificamos como X qualquer item lexical ou sentença que possa figurar ou não na construção, podendo até mesmo iniciar ou finalizar a estrutura oracional. No padrão construcional, [*agora* (X) ORAÇÃO], já exemplificado, consideramos os elementos *quanto aos descuidos, ou culpas do Governo Papal* como X e *elles não derogam a nossa regra, merecem serem justificados* como parte integrante da construção.

Além disso, ao observamos os resultados da tabela acima, destacamos, na cor cinza, os padrões mais produtivos; e na cor azul, os menos produtivos, o que confirma as duas construções acima desenvolvidas, sendo os subesquemas (01), (02) e (03) exemplares da “construção circunstanciadora (*agora* TEMPO)”, e os subesquemas (04), (05), (06), (07) e (08) da “construção de comparação temporal enunciativa”, representada abaixo.

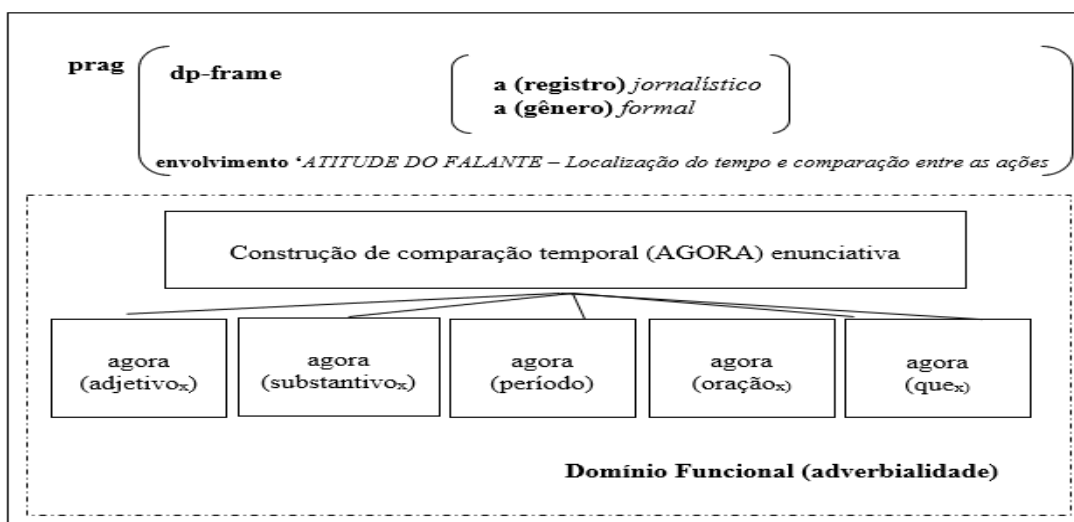


Figura 2: Subesquemas construcionais (construção temporal enunciativa)

(CLERES, 2018, p. 67)

Na figura (2), temos a representação da construção [comparação AGORA enunciativa], que licencia cinco subesquemas construcionais: [*agora* ADJETIVO], [*agora* SUBSTANTIVO], [*agora* PERÍODO(S)], [*agora* QUE], [*agora* (X)ORAÇÃO]. Tais subesquemas estão representados pelo quadrado pontilhado e estão relacionados em nível hierárquico por semelhança, o que resulta na configuração como uma construção mais esquemática [comparação AGORAenunciativa]. Dessa forma, subesquemas diferentes permitem a leitura de comparação. Porém, diferentemente da primeira representação [construção circunstanciadora AGORA TEMPO], aqui o falante tem por objetivo localizar o

tempo na comparação de ações. Por fim, a representação aponta para o domínio funcional mais amplo da adverbialidade.

É importante salientar que a adverbialidade, neste caso, não é igual à representada na primeira figura. Tomamos por base Garcia (2010), que afirma que todos, exceto o *sujeito* e a *ação*, assumem uma forma gramatical de adjuntos adverbiais ou de oração adverbial.

De acordo com Goldberg (1995, p.20), “as construções carregam significados”. Ao partirmos desta afirmação, entendemos que haverá restrição de item lexical na construção de acréscimo, logo o *slot* só poderá ser preenchido pelo elemento que tenha carga semântica de causa e, no caso da construção motivada [[(X) agora QUE]], a microconstrução será construída com itens adversativos.

Em relação à visão de rede, Goldberg (2003, p. 219) sugere que “a totalidade do nosso conhecimento de língua é capturada por uma rede de construções”. Esse entendimento encontra apoio em (T&T, 2013, p.9)⁹, os quais postulam ser crucial a compreensão de conceitos como *nós* e as ligações entre *nós*, “distância” entre os membros de uma família, agrupamentos de propriedades, graus de entrenchamento e acessibilidade da construção. Neste sentido, T&T (2013) concebem a rede construcional como uma associação de conceitos tanto de nível mais básico quanto de nível mais generalizado.

Sendo assim, pode-se afirmar que a organização de nosso conhecimento linguístico está estruturada em uma rede de construções, cuja representação funcional pode apresentar papéis semânticos, sintáticos e diferentes graus de esquematicidade nas construções. Se houver aumento de produtividade da construção, ocorre a expansão e, conseqüentemente, há a inserção de novos membros; os exemplares mais antigos podem se estabilizar ou, até mesmo, apresentar uma outra configuração.

Em nossa pesquisa, os dados foram alocados em dois esquemas abstratos, a saber, Construção Circunstancial, cujo domínio funcional apresenta caráter adverbial e Construção de Comparação Temporal Enunciativa, no qual as construções e microconstruções apresentam deslizamento funcional, estabelecem relações comparativas entre as porções textuais e representam o tempo de modo não cronológico, isto é, sem correlação com o calendário (NEVES, 2011).

Segue, abaixo, a nossa leitura de rede construcional do padrão abstrato inspirado no modelo de T&T (2003).

⁹Conforme original: “Crucial to the idea of a network are such concepts as nodes and the links between nodes, ‘distance’ between members of a family, clusterings of properties, degrees of entrenchment and accessibility of a construction”.

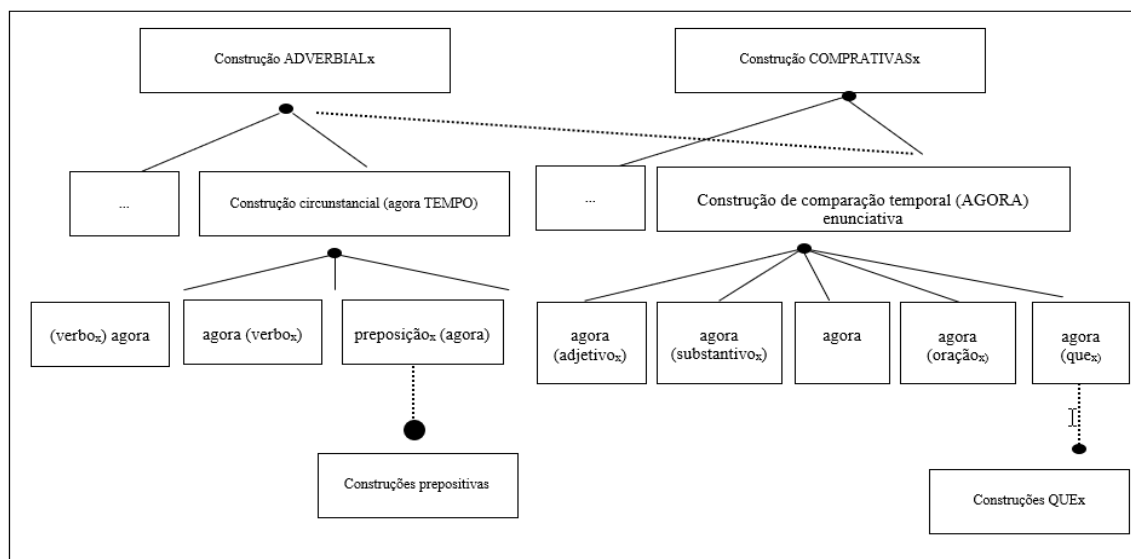


Figura 3: Rede Construcional

(CLERES, 2018, p. 112)

Na representação, acima, procuramos evidenciar a rede construcional dos padrões (subesquemas) aqui estudados. Inicialmente, há a representação das duas construções, [circunstanciadora *agora* TEMPO], que licencia três subesquemas construcionais: [VERBO *agora*], [*agora* VERBO], [PREPOSIÇÃO *agora*]; e a construção [comparação AGORA enunciativa], que licencia cinco subesquemas construcionais: [*agora* ADJETIVO], [*agora* SUBSTANTIVO], [*agora* PERÍODO(S)], [*agora* QUE], [*agora* (X) ORAÇÃO]. Conforme se observa ainda, na representação, ambas as construções estão relacionadas a outras construções, pois estão inseridas nas relações de hierarquia, em que os sentidos construcionais são compartilhados. Este é o caso da construção [comparação AGORA enunciativa], que participa da rede construcional das construções comparativas. Sobre isso, Goldberg (1995) salienta que, ao observamos as construções, deve-se ter em mente que uma construção remete a outras construções. Já a construção [circunstanciadora *agora* TEMPO] integra a rede construcional de domínio adverbial, pois compartilha, em nível ascendente, a construção adverbial, que possui o caráter circunstancial. Além disso, podemos relacionar as construções a outras construções: é o caso do subesquema [PREPOSIÇÃO *agora*], que está relacionado às construções prepositivas.

O princípio básico da construção gramatical é que nosso conhecimento é moldado e composto por uma rede taxonômica de construções, ou seja, pareamento de forma e significado (GOLDBERG, 1995), e nenhum nível de gramática é considerado autônomo. Assim, o crescimento da rede e o desenvolvimento de novos *types* (de famílias de construções) são

fenômenos que são característicos da rede conceitual, que deriva de eventos de uso nos quais a abstração e a extensão de construções anteriores são típicas. Famílias de construções *type* podem ser reunidas (dentro/em) esquemas, às vezes em subesquemas.

De acordo com Garcia (2010), através da associação entre ideias contidas em frases, orações e períodos, ou seja, porções textuais, pode-se mostrar, através do raciocínio silogístico, a relação de causa e consequência nas estruturas sintáticas comparativas, as quais não precisam ser, obrigatoriamente, orações subordinadas.

Note que, em nossa interpretação de rede para o esquema [*agora* QUE], a depender da porção textual, a modalidade causal poderá apresentar o acréscimo de oposição. Neste caso, houve a reconfiguração do *slot* com a inserção de itens lexicais configurados a esse propósito.

3 Considerações finais

Após a análise de usos, verificamos que os dados se distribuíam em oito subesquemas: (i) [VERBO *agora*]; (ii) [*agora* VERBO]; (iii) [PREPOSIÇÃO *agora*]; (iv) [*agora* ADJETIVO]; (v) [*agora* SUBSTANTIVO]; (vi) [*agora*]; (vii) [*agora* ORAÇÃO] e (viii) [*agora* QUE]. Apesar desses diferentes subesquemas, os resultados evidenciam que há dois grandes subesquemas superordenados: a construção [circunstanciadora *agora* TEMPO], que licencia três subesquemas construcionais: [VERBO *agora*], [*agora* VERBO], [PREPOSIÇÃO *agora*], em que o falante tem por objetivo pontualizar o discurso no tempo; e a construção [comparação AGORA enunciativa], que licencia cinco subesquemas construcionais: [*agora* ADJETIVO], [*agora* SUBSTANTIVO], [*agora*], [*agora* QUE], [*agora* (X) PERÍODO], em que o falante tem por objetivo localizar o tempo na comparação de ações entre as porções textuais e o tempo é não cronológico, já que apresenta correlação enunciativa. Além disso, ambas as construções apontam para o domínio funcional mais amplo da adverbialidade, relacionadas em nível hierárquico por semelhança, o que resulta na configuração como uma construção mais esquemática [(X) *agora* (Y)].

A nossa investigação aponta que as construções com *agora* possuem propriedades conectoras, tais como apresentadas nas construções [*agora* QUE] e [*agora* (X) ORAÇÃO]. Notamos que essas construções, além de exercerem a ideia de comparação entre as porções textuais, ajudam na transição textual dos enunciados, criando uma relação de coerência entre as duas partes.

Assim, os resultados confirmam os apontamentos de T& T (2013), para quem as mudanças precisam ser consideradas tanto no nível específico (micro) quanto no esquemático(macro), uma vez que as mudanças lexicais e gramaticais estão em um gradiente de conteúdo para o mais procedural, os quais precisam ser vistos como complementares, e não ortogonalmente, mas sim em termos de redes.

Por fim, a pesquisa demonstra que analisar os eventos de uso permite a abstração e a extensão de construções (dentro/em) esquemas, às vezes em subesquemas.

Referências bibliográficas

ALBANI, F. L. V.; CEZARIO, M. M. Ordenação do advérbio sempre no português arcaico e no contemporâneo. In: RIOS DE OLIVEIRA, M.; CEZARIO, M. M. (Org.). *Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas*. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2012.

BERGS, A.; DIEWALD, G. (Eds.) *Constructions and Language Change*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In JOSEPH, B.; JANDA, R. (Org.). *A handbook of historical linguistics*. Blackweel, 2003.

_____. *Language usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CASTILHO, A.T. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Org.: KATO, M.; NASCIMENTO, M. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

CEZARIO, M. M.; ILOGTI DE SÁ, E. C.; COSTA NUNES, J. O. Ordenação de advérbios temporais ou aspectuais. *Transformar*, Revista do CenPE; Fundação São José, n. 3. Itaperuna, RJ: Templo Gráfica, 2005.

_____, MACHADO, N.; SOARES, B. Ordenação de adverbiais temporais e aspectuais no português escrito: uma abordagem histórica. In: RIOS DE OLIVEIRA, M.; ROSÁRIO, I. (Org.). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2009.

CEZARIO, M. M. C. et al. Os advérbios: aspectos históricos e usos atuais. In: LOPES, C. R. S. (Org.). *História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*, v. 1. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

CLERES, D. S. *Agora, virei um marcador discursivo: a multifuncionalidade do elemento agora em texto jornalístico*. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa). UERJ, 2016.

_____. *Construções com agora em jornais do século XIX: uma perspectiva centrada no uso*. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFRJ, 2018.

COSTA NUNES, J. *Mente de antigamente*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

_____.; CRUISE, A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 27 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions: a new theoretical approach to language*. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 7, p. 219-224, 2003.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

ILOGTI DE SÁ, E. C. *Aconteceu em 2015 e En 2015 il est arrivé: Ordenação dos Circunstanciais Temporais e Aspectuais no Português e no Francês*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2015.

JORDÃO, G. M. J. *Construções com o verbo passar: mudança construcional em perspectiva funcional*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal Fluminense, 2017.

KEMMER, S; BARLOW, M. Introduction: a usage-based conception of language. In: BARLOW, M; KEMMER, S. (Eds.). *Usage based models of language*. Stanford, California: CSLI Publications, 1999.

LAGE, N. *Estrutura da notícia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Ideologia e Técnica da Notícia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. Oxford University: Oxford Univeristy Press, 2008.

MACHADO. N. I. P. *As locuções adverbiais temporais e aspectuais nos séculos XVIII e XIX do português: um estudo da ordem*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

MACHADO VIEIRA, M. S.; WIEDEMER, M. L. Sociolinguística e gramática das construções e o desafio e as perspectivas de compatibilização. Trabalho apresentado no XXXIII ENANPOLL – Encontro Nacional da ANPOLL, 2019, a sair, inédito (manuscrito), 2019.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARQUES DE MELO, J. *A opinião no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Vozes, 1985.

MARTELOTTA, M. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

_____. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. Rio de Janeiro: Cortez, 2011.

MORAES PINTO, D. *Gramaticalização e ordenação nos advérbios qualitativos e modalizadores em –mente*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

NEVES, M. H. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da Unesp, 2011 [2000].

RIOS DE OLIVEIRA, M.; CEZARIO, M.M.C. (Org.). *Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas*, v. 1. Ed. Niterói; Editora da UFF, 2012.

ROSÁRIO, I. C.; RIOS DE OLIVIERA, M. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa, Revista de Linguística*, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

[TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G.](#) *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. S. *Sociolinguística e gramática de construções: o envelope da variação*. In.: FRANCESCHINI, L. T.; LOREGIAN-PENKAL, L. *Sociolinguística: estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas*. Guarapuava: UNICENTRO, 2018a, p. 41-78.

_____. Lexemas e construção: atração, coerção e variação. *Caderno Seminal*, v. 30, n. 30, p. 81-132, 2018b.

Abstract

Based on the theoretical-methodological contributions of Used Based Functional Linguistics (KEMMER & BARLOW, 1999, BYBEE, 2010, MARTELOTTA, 2011, TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016), we investigate constructions with "now" (*agora*), represented in their more abstract construction as [(X) now (Y)], in newspapers (Correio Braziliense ou Armazém Literário – 1808 - 1822; O Patriota, Jornal Litterario, Político, Mercantil - 1803-1814; A Aurora Fluminense – 1827-1835; O Tempo: o jornal político e litterario – 1832-1846; Gazeta da Tarde – 1880-1889), which circulated in the city of Rio de Janeiro-Brazil. From the main objective of analyzing the different subschemes, the results show that there are two major subschemes: the construction [now TIME], which permits three constructional subschema: [VERB now], [now VERB], [PREPOSITION now], in which the speaker aims to punctualize the discourse in time; and the construct [comparative NOW enunciative], which licenses five constructional subschemes: [now ADJECTIVE], [now SUBSTANTIVE], [now], [now WHAT], [now (X) PERIOD], in which the speaker aims to locate the time in the comparison of actions between the textual portions and the time is not chronological, since it presents enunciative correlation. In addition, both constructs point to the broader functional domain of adverbiality, related at hierarchical level by similarity, which results in the configuration as a more schematic construction [(X) now (Y)].

Keywords: Used Based Functional Linguistics; Construction Grammar; Adverb *now* (*agora*); Adverbiality.